

SEGUNDA PARTE

NOTÍCIA PRELIMINAR, pág. 173

- I — Sumário sobre o emprego dos sonhos como meio de divinação na antigüidade e na Idade Média, pág. 177
- II — Origem demoníaca atribuída às doenças nervosas e mentais, pág. 197
- III — Influência da imaginação na produção dos fenômenos da magia — Os místicos aproximados dos feiticeiros, pág. 256
- IV — Fenômenos determinados pelo emprego dos narcóticos e dos anestésicos — Perda da sensibilidade e da inteligência — O hipnotismo e o sonambulismo — Conclusão, pág. 309

INTRODUÇÃO

As ciências físicas não eram em sua origem senão um aglomerado de superstições e de procedimentos empíricos que constituíam o que chamamos de magia. O homem possuía tanta consciência do poder que lhe tinha sido dado exercer sobre as forças da natureza que, desde que ele se pôs em relação a elas, foi para tentar sujeitá-las à sua vontade. Mas em lugar de estudar os fenômenos, a fim de assenhorear-se das leis e de aplicá-las às suas necessidades, ele imaginou poder, com o auxílio de práticas particulares e de fórmulas sacramentais, coagir os agentes físicos a obedecer a seus desejos e a seus projetos. Tal é o caráter fundamental da magia. Essa ciência tinha por finalidade submeter ao homem as forças da natureza colocando em seu poder a obra de Deus. Uma semelhante pretensão agarrava-se à noção de que a antiguidade se tinha feito dos fenômenos do universo. Ela não os representava como a consequência das leis imutáveis e necessárias, sempre ativas e sempre calculáveis; ela os fazia depender da vontade arbitrária e móvel dos espíritos ou de divindades a qual ela substituía a ação pelos agentes mesmos. Desde então, para submeter a natureza, foi preciso chegar a coagir essas divindades ou esses espíritos no cumprimento de suas promessas. O que a religião acreditava poder obter por súplicas e orações, a magia